

Progresso e humanismo em *Terras do sem fim*, de Jorge Amado

João Paulo Ferreira

768

Resumo

O presente estudo visa discutir, a partir da leitura do romance *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, progresso e humanismo. Isto é, procuraremos ver como o progresso – tomado no sentido do desejo de desenvolvimento crescente espiritual (intelectual) e material do homem e de seu mundo – ao mesmo tempo em que significa avanço, se mostra nocivo ao seu sujeito (o homem) e ao meio (a sociedade). Estando o nosso trabalho assentado na análise e crítica literária, partiremos da leitura do romance como uma forma de reflexo específico da realidade sócio-histórica, colocando no centro a teoria do “desenvolvimento desigual”, de Marx e o humanismo, na perspectiva lukacsiana. Pois, Amado seguindo o curso histórico de modernização que o Brasil passava, figurou isso em uma de suas maiores obras: *Terras do sem fim*. O romance trata de uma disputa fundiária que pretende a posse da terra por duas famílias de coronéis, e, uma vez conquistada a posse, o progresso desponta como uma necessidade vital. No entanto, a questão norteadora do nosso trabalho é: sendo o progresso uma necessidade e construção humana, até que ponto ele está para o ser humano, ou melhor, para a realização ou emancipação plena do gênero humano numa sociedade de classes? Para uma maior consistência do que estamos nos propondo, nos apuraremos em Lukács (1968; 2009; 2011), em Marx e Engels (2010) e em Coutinho (1967).

Palavras-chave: *Terras do sem fim*. Progresso. Humanismo. Literatura. Crítica literária dialética.

Abstract

The following study intends to discuss, from the reading of Jorge Amado's novel *Terras do sem fim*, progress and humanism. That is, we will try to see how progress – understood in the sense of the wish of spiritual (intellectual) and material development of humanity and its world – at the same time it means advancement, it presents itself as something pernicious to its subject (man) and environment (society). Our study is rooted in literary analysis and criticism. Thus we begin reading the novel as a specific form of social-historical reality's reflection. The theory of “unequal development” being the cornerstone, our work follows Lukács perspective. The historical course of modernization in Brazil was portrayed in one of Amado's greatest works, *Terras do sem fim*. The novel portrays an agrarian dispute by two *coronéis'* families. Once the land is conquered, progress rises as a vital necessity. Nevertheless, the central question in our work is: if progress is a human construction and necessity, how far is it connected to the human being or to humanity's whole emancipation in a class society? To better achieve our goals, we seek support in Lukács (1968; 2009; 2011), Marx and Engels (2010) and in Coutinho (1967).

Key-words: *Terras do sem fim*; progress; humanism; literature; dialectical literary criticism.

1. Progresso e humanismo: breves apontamentos

“- O caso é que todo progresso se consegue pela força e apenas pela força”
(Leon Tólstoi)

769

O presente estudo pretende discutir o progresso e humanismo em *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, amparado na tradição clássica marxista.

Compreendendo que o tema é um tanto complexo e amplo, tentaremos abordá-lo a partir da leitura mesmo da obra amadiana sustentando-nos na concepção da teoria do “desenvolvimento desigual”, defendida por Marx e Engels e do entendimento de humanismo alcançado por Georg Lukács em seus estudos a respeito de autores e estudiosos que chegaram a esse termo, sem, contudo, intencionarmos esgotar esta temática em nossa análise, uma vez que tanto para a filosofia quanto para a estética é um tema caro.

Em termos gerais, dir-se-ia que esta é uma questão filosófica, mas mesmo sendo filosófica – ou por ser filosofia – ela dá ampla margem de discussão no campo estético, justamente porque a arte consegue captar com mais profundidade as contradições latentes entre o desenvolvimento que a humanidade experienciou nestes últimos tempos, sobretudo a partir do século XVIII, e das condições de vida humana e das impressões (na ciência e na arte) que se obteve ou que se construiu dessas condições de vida em sua materialidade. Assim, quando a burguesia se despontou como classe revolucionária, uma nova era se abria para a humanidade, mas quando esta classe “revolucionária” abandonou seus ideais para preservar sua hegemonia o proletariado se viu numa situação em que, ou baixava-se a cabeça e aceitava “tranquilamente” sua condição ou continuava a luta por sua libertação. A segunda opção foi a que prevaleceu. Para justificar sua “traição”, que o povo estava (e ainda está) a “sentir na pele”, a burguesia desenvolveu concepções que o Lukács chamou de *irracionais*, já que se valia de ações/concepções extremas contra a vida

humana, como são os casos do nazismo e do fascismo, na primeira metade do século XX.

Desta problemática do desenvolvimento da humanidade se ocuparam muitos estudiosos, desde os gregos (Platão, Aristóteles...), até Kant, Schelling, Hegel, Marx, e toda uma tradição de filósofos, intelectuais e artistas. Para melhor evidenciarmos nosso ponto de vista, pensemos, por exemplo, nos chamados *teóricos clássicos burgueses*, a saber o Schelling e o Hegel, que sustentavam ou a exaltação romântica do passado ou a conciliação das contradições do ordenamento capitalista. Isto é, para “suportar” a vida burguesa, destituído de todo o humanismo, e onde a vida “aparentemente” perdia todo o sentido, demandava esse retorno ao passado, inclusive de forma idealista, romântica. Buscando o “período heroico, mítico, primitivamente poético da humanidade” (Schelling). E, ou, “para atenuar a contradição do ordenamento capitalista, insuportável para a consciência burguesa, numa medida suficiente para tornar possível, pelo menos, uma certa aceitação e um certo reconhecimento deste ordenamento (Hegel)” (Lukács: 2009, p. 200). Lukács vê na tentativa de Hegel uma tendência à conciliação, o que não é possível. Do mesmo modo que também não é possível a perspectiva de Schelling, pois dela surgiu o Naturalismo: tendência que é, por si mesma, contra-humanista, já que nivela, idealiza. No entanto, para o estudioso húngaro, esta questão só será resolvida com a concepção do “desenvolvimento desigual” formulada por Marx e Engels, que aparece na “Contribuição à crítica da economia política”.

Para os fundadores do marxismo

No que diz respeito à arte, já se sabe que certas épocas de florescimento artístico não estão de nenhuma maneira conformes ao desenvolvimento geral da sociedade, nem, conseqüentemente, com a base material, com a ossatura, por assim dizer, da sua organização. Por exemplo, os gregos comparados aos modernos ou também a Shakespeare. (...). (2010, p. 127)

Marx e Engels dizem ainda que

Um homem não pode voltar à infância sem se tornar pueril. (...). Há crianças mal educadas e crianças precoces. Muitos povos da Antiguidade pertencem a esta categoria. Os gregos eram crianças normais. O encanto que a sua arte exerce sobre nós não está em contradição com o débil desenvolvimento da sociedade em que floresceu. Antes, é o seu produto; de fato, está ligado indissolavelmente ao fato de que as contradições sociais insuficientemente maduras em que a arte surgiu – as únicas em que poderia ter surgido – não podem retornar jamais. (idem, p. 128-9)

771

Esta concepção tem importância capital para o nosso estudo, já que ela nos fornece uma direção para compreendermos melhor para onde marcha a humanidade a partir de suas condições históricas concretas. É fundamental as experiências históricas, que foram etapas necessárias do próprio movimento histórico e o nosso legado é tirar lições delas, contudo, não nos é possível vivê-las. Da mesma forma, não nos é possível aquietarmos e ficarmos à margem olhando o trem da história passar. A ideia de progresso diz respeito diretamente ao homem, à melhora de suas condições de vida, à liberdade para viver a plenitude humana. Nicola Abbagnano, que publicou na década de 1990, o Dicionário de filosofia, define neste o *progresso* como sendo “uma série qualquer de eventos que se desenvolvam em sentido desejado” ou “a crença de que os acontecimentos históricos desenvolvem-se no sentido mais desejável, realizando um aperfeiçoamento crescente” (2007, p. 798-9). Contudo, aqui cabe perguntarmos: se é certo que é o homem quem faz a história com o desejo de viver sua plenitude, como entender, na modernidade, a aparente estagnação e mesmo as tendências irracionais das quais a humanidade se vê subjugada? Entendemos que esta questão está relacionada com o que dissemos anteriormente: para manter sua hegemonia a burguesia vendeu sua alma ao diabo e procura desenvolver meios para conservar seu *status* de classe dominante, ao mesmo tempo em que intenta esgotar o quanto puder as possibilidades de ser superada. E aqui entra uma categoria essencial: a divisão social do trabalho que, por sua vez, conduz o homem às especializações, à fragmentação, à alienação. Em termos lukacsianos, à reificação. Esta categoria que, na sociedade capitalista, se mostra hostil, contrária às possibilidades de uma vida humana plena. Pensando dessa forma, não nos é difícil

perceber que o progresso não se separa da vida mesmo, nem tampouco da vivência social, antes ele está intrínseco e é necessário ao ser humano, à humanidade. Porém, imaginando o humanismo, na perspectiva do *humanitas*, cujo homem é o centro, bem como sua integridade enquanto sujeito do desenvolvimento histórico, é possível compreendermos a teoria dos fundadores do marxismo que viam na dinâmica mesmo das contradições da sociedade capitalista a base para alcançarmos a plenitude humana e, Marx e Engels, quando disseram isso, estavam pensando o socialismo.

772

De forma breve, Lukács parafraseando a concepção de humanismo para a tradição marxista, ele diz:

só a concepção materialista da história está em condições de reconhecer que a verdadeira e mais profunda lesão ao princípio do humanismo, a dilaceração e a mutilação da integridade humana, é apenas a consequência inevitável da estrutura econômica, material da sociedade. (...).

O humanismo socialista torna possível à estética marxista a unificação do conhecimento histórico e do conhecimento artístico, à contínua convergência na direção de um ponto focal do juízo histórico e do juízo estético. (1968, p. 43-4).

E foi pensando assim que diversos filósofos e poetas ligados à tendência socialista recolocaram em pauta, no século XX, o humanismo herdado dos clássicos iluministas, tratando-o como “despertar (...) do espírito da *democracia revolucionária*” (Lukács: 2011, p. 321).

2. Progresso e humanismo em *Terras do sem fim*

“... Essa terra dá tudo enquanto der
cacau...”

(Jorge Amado)

Em um importante ensaio, de 1945, Lukács fala que “Grandeza artística, realismo autêntico e humanismo são sempre indissolivelmente conexos” (1968, p. 42). E, de fato, se nos atentarmos às Grandes obras literárias de artistas como por exemplo: Homero, Shakespeare, Goethe, Balzac, Tólstoi, entre outros, veremos o quanto de coerência há neste pensamento.

A literatura brasileira, mesmo em condição periférica, em alguns momentos de sua formação conserva ou consegue chegar a essa “Grandeza artística”, ao “realismo autêntico” e ao “humanismo”, mostrando como essa ideia de “progresso contraditório”, que se põe (ou impõe) da forma mais viva e intensa, atuando de maneira decisiva na vida do homem inteiro (fazendo uso aqui de termos lukacsianos), que mesmo sendo homem inteiro, conserva e eleva-se à homem inteiramente, como é o caso de Fabiano e sua família, em *Vidas secas*. É latente nesta obra as contradições de um mundo (natural e social) saturado, degradado que, simultaneamente procura conduzir a família de Fabiano às mesmas condições, no entanto, o elemento humano prevalece quando é possível um reconhecimento das condições e possibilidades e necessidade de um mundo outro naquela família. Poderíamos trazer aqui vários elementos para demonstrarmos a grandiosidade progressista e humanista presente neste clássico que é *Vidas secas*. Pois, nos valendo de Coutinho, este diz que “a crise da sociedade colonial brasileira apresentava-se no Nordeste com cores mais vivas e intensas do que no resto do Brasil” (1967, p. 140). Não é à toa que o romance regionalista de 30 terá importância capital no sistema literário brasileiro, já que é, nas palavras de Coutinho, “profundamente realista”. Neste sentido, reconhecendo a importância de Graciliano Ramos, defendemos que o Jorge Amado, sobretudo em uma de suas maiores obras, *Terras dos sem fim*, também consegue atingir a “grandeza” e o “realismo” que confere a esta obra um caráter humanista na perspectiva em que estamos trabalhando.

O romance *Terras do sem fim*, publicado em 1943, quando Amado fora exilado, é composto por dois livros formando uma saga. Começa com a obra em questão que trata, ou melhor, narra uma disputa por terras no Sul da Bahia por duas famílias de coronéis (os mais expressivos): a família dos Badarós e o Coronel Horácio da Silveira. O segundo livro, *São Jorge dos Ilhéus*, publicado no ano seguinte ao primeiro (1944), narra a continuidade da disputa pelas terras, no entanto, ao invés de ser entre os coronéis, a disputa é entre estes e o comércio estrangeiro, encarnado pelos personagens Carlos Zude e Karbanks.

Se pensarmos a constituição destas obras pelo viés da formação ou pelo processo de modernização pela qual passava o Brasil do fim do século XIX e até meado do século XX, não será difícil vermos aí uma tentativa de Amado (consciente ou inconscientemente) em construir um Romance Histórico (salientado por Antonio Candido em seu ensaio *Poesia, documento e história*). Desde a construção dos personagens, das situações, dos destinos, há uma grande aproximação com alguns elementos da epopeia grega (a luta, a aventura) e também elementos presentes em um Walter Scott e mesmo em Balzac ou Tólstoi.

Pensando aqui a organização do livro *Terras dos sem fim*, que começa com “O navio”, seguido da “Mata”, passando pela “Gestação de cidades”, o retorno ao “Mar”, depois temos “A luta” e finaliza-se com “O progresso”. Nos atentando para a constituição formal do romance, é visível um “desejo de progressão”. Os temas se ligam entre si, e não é de se estranhar que começa com o navio, que nos lembra tanto a viagem dos Portugueses em 1532, quanto aos navios negreiros. Pois que, neste Navio que abre o romance tanto estar ali os coronéis, detentores do poder, donos da terra (buscando sua expansão, isto é, domínio absoluto paralelo à sua exploração ou vice-versa), quanto o “resto”, retirantes, trabalhadores, os que serão “alugados” que vão a procura da riqueza, sonhando em também serem donos da terra, sem saberem que encontrarão uma vida de submissão, rebaixamento e ou morte.

(...). O navio jogava sobre as ondas, muitos daqueles homens nunca tinham entrado num navio. Tinham atravessado as ásperas caatingas do sertão num trem que arrastava vagões e vagões de imigrantes. O velho olhava-os com seus olhos duros.

- Tão vendo essa modinha? “Nessas terras vou morrer”. Tá aí uma coisa verdadeira... Quem vai pra essas terras nunca mais volta... Tem uma coisa que parece feitiço, é feito visgo de jaca. Segura a gente...

(Amado: 1943, p. 16-7)

Aparentemente, a narrativa parece nos conduzir para um determinismo, como se os destinos figurados não tivessem outras possibilidades, claramente visível nos fragmento da modinha mencionada pelo velho: “Nessas terras vou morrer”. Apesar de que há algo de verdade nesta enunciação, mas também é verdadeiro as

possibilidades que estão postas. Podemos ver com clareza esse caráter humanista quando no capítulo “A mata”, o Negro Damião, uma das personagens mais interessantes do romance, ao se deparar com o tema da morte, que assimila de uma discussão entre Sinhô Badaró e seu irmão Juca, toma consciência de sua existência, de certas características, ainda que subjetivas, que o coloca numa posição de ser humano. E aqui é possível comparar o Negro Damião com a figura do Fabiano, de vidas Secas, no sentido de que mesmo numa situação material radical, extremada (entre a vida e a morte, entre as condições materiais de vivência social e espirituais inteligível) conseguem dar um salto ao que há de mais pleno no ser humano: o reconhecer e ser reconhecido no outro. Isso tem a ver com o elemento catártico, se relaciona também com a tomada de consciência, ou melhor dizendo, com a autoconsciência, com a desfetichização do homem; o que, para a perspectiva marxista, é a manifestação plena do humanismo.

No segundo capítulo do livro é possível visualizarmos mais claramente o desejo de humanização, sobretudo quando Amado personifica a mata, atribuindo-lhe condições humanas. No entanto, o que é mais interessante é que, para além dessa personificação, as ações ou intervenção do homem, naquela “mata que dormia o seu sono jamais interrompido”, são determinantes e determinadas quando altera o meio e os sujeitos agentes reciprocamente, ligando-os e afirmando ali os seus destinos. É só pensarmos, por exemplo, o trabalhador em quem Juca Badaró dar um tiro ou mesmo na história de Antônio Vitor, que saí de Sergipe, faz a viagem no navio, é contratado por Juca Badáro, e se encontra agora na mata, derrubando árvores e depois gente. Sem querer sermos pessimistas, há de se pensar que só é possível o progresso com a destruição do meio ou do outro. E há, neste sentido, algo de teleológico, já que a intervenção do homem é uma intervenção consciente, e mais ainda, que esta intervenção não atenderá à todos, a não ser que tenha condições econômica que o permita. E aqui, podemos recorrer a cena do contratado em quem Juca atira, pois este pegou a febre em serviço e que não “mereceu” a atenção do Coronel e morreu à minguas, sendo acudido quando ferido por alguns companheiros. Uma outra cena,

do mesmo modo intensa, é a do trabalhador do Coronel Teodoro das Baraúnas, pai das “três irmãs”, que morre vítima da febre sem nenhum tipo de assistência ou reconhecimento por parte do coronel. Ao lembrarmos estas cenas, de imediato, talvez, a tendência é imaginarmos algo de trágico, e há. Contudo, nessa tragicidade, o Jorge Amado insere algo de extraordinário, acrescentando nas cenas trágicas instantes que permitem aos personagens tomarem contato, em alguma medida, com sua condição de vida (interior e exterior) e despertar sentimentos e atitudes que só são possíveis aos homens que conservam em si certa sublimidade de caráter, apesar da degradação material e espiritual em que viverem.

Sem pretendermos uma linearidade em nossa análise, mas seguindo a organização formal do romance, vemos no capítulo “Gestação de cidades” algo de interessante, a começar pela nomenclatura. Há aí novamente a recorrência à personificação, ou até poder-se-ia dizer que, mais do que personificação, temos neste quadro a ação viva, o emprego da força de trabalho, o esforço humano em viver em comunidade, em estar próximo. No entanto, a contradição consiste no fato de que o que deveria aproximar à uma vivência comum, tende a rebaixar (pensando a migração rural-urbano). Basta nos atermos a história das três irmãs, que após suas tragédias “conjugais” individuais se viram obrigadas à irem compartilhar a mesma “Rua da Lama” no povoado de “Tabocas”. Porém, quando lhes é entregue o cadáver do pai, afloram nelas os mais puros sentimentos, típicos do ser humano.

Quando chegamos ao quarto capítulo do romance, percebemos uma quebra, pois se até então pressupúnhamos uma sequência de cenas, agora aparece “O mar”. No fundo, não há mar. Antes percebemos algo como uma preanúnciação das lutas e batalhas que estão por vir: um mar revoltado, com sua poesia e violência.

No capítulo seguinte, “A luta”, concentra-se o cerne, a tensão da obra, pois é empregado todos os esforços na disputa, com um tom até épico, da mata do Sequeiro Grande pelos Coronéis Sinhô Badaró e Família de um lado, e do outro o Coronel Horácio da Silveira e seus amigos. Todavia o que mais chama a atenção é a capacidade de “tomar partido” nas situações. É só lembrarmos o personagem de

Don'Ana Badaró que escolheu participar da luta até o fim. Isto, talvez, não nos diz muito, mas se atentarmos para o fato de que ela sendo mulher, vivendo no seio de uma família em moldes patriarcal e machista, fica mais claro a "posição" de Don'Ana que, num primeiro momento aparenta defender sua propriedade e o desejo de manter o status da família, focando um pouco mais, vemos que ela encarna o Pathos, e isto a eleva, ou até lhe preenche de uma dignidade humana sem igual, talvez, ou, justamente porque a luta de Don'Ana, em particular, transcende o *hic et nunc*. Tem a ver com uma rebeldia povoada de sonhos e de "futuro" (ainda que ligado às tradições patriarcais), com a resistência à submissão, à humilhação e, sem querer forçar a barra, uma resistência à reificação.

Braz ia na frente, dois cabras a seu lado, Horácio vinha logo atrás. Só restava o sótão. Foram subindo a escada estreita, Braz abriu a porta com um pontapé. Don'Ana Badaró atirou, um cabra caiu. E como era a última bala que lhe restava, ela jogou o revólver para o lado de Horácio e disse com desprezo:

- Agora mande me matar, assassino...

(...). Don'Ana deu outro passo à frente, seu vulto encheu a pequena porta do sótão.

(...)

- Diabo de mulher corajosa.

Don'Ana tomou de um dos cavalos que estavam arreados, olhou mais uma vez a casa-grande, montou, esporou o animal e partiu na noite sem lua e sem estrelas. (...). (Amado: 1943, p. 200)

Em contraponto à figura de Don'Ana, o coronel Horácio da Silveira não deixa de ser um personagem também interessante: possui um amor, por vezes até exagerado, por sua propriedade que conseguiu e expandiu sob muitas mortes e "caxixes". No entanto, há algo de tão grandioso nele que sua máscara de homem mal fica ofuscada. As suas ações são quase que instintivas, animais. Mas ao mesmo tempo, o desejo que ele tem de que as coisas andem, que aconteçam é fundamental. Talvez caíssemos aqui na ideia de que "os fins justificam os meios", todavia creio que essa não é a questão. O coronel Horácio deseja domínio por meio da extensão de sua propriedade, contudo ele compreende que o tempo está passando e inovações são necessárias, para isso é necessário expandir e modernizar. Não é à toa que o romance

acabe com o capítulo “o progresso”, transformando os povoados em cidades e, possibilitando para essas localidades, sobretudo para Ilhéus, teatro, calçamento, Bispo para a igreja, etc..

- Em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até Bispo. Nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até Bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau...

(...). Manuel de Oliveira escrevia: “A elevação a diocese não é senão um ato de reconhecimento ao progresso vertiginoso de Ilhéus, conquistado pelos grandes homens que sacrificam tudo ao bem da pátria”. E dr. Rui concordava (...): “Ilhéus, berço de tantos filhos trabalhadores, de tantos homens de inteligência e de caráter que abriam clareiras de civilização na terra negra e bárbara do cacau”. (idem, p. 213)

Como se vê, o ideal de progresso está ligado a questão econômica. E aqui volta o debate acerca da sociedade capitalista, que se mostra mais decisiva a este respeito: o progresso como necessário, mas ao mesmo tempo contraditório – feito pelos homens, porém, não para a humanidade.

No romance, o coronel Horácio é a figura escolhida para representar tal modernização. Horácio está entre os “grandes homens que sacrificam tudo ao bem da pátria” e de si mesmo, literalmente. Nesse intuito, percebemos que o que o coronel Horácio da Silveira tem de mandão, tem de heroico. Heroico no sentido de organizar e travar uma luta, de disputar o progresso (talvez aqui num sentido mais raso). Neste percurso o Coronel vai revelando traços de sua humanidade. A cena mais emblemática que demonstra o que estamos dizendo é a da noite em que Ester se entregou à ele imaginando o Dr. Virgílio, e que o Coronel acreditou piamente que ela se entregara à ele. Um outro episódio que marca bem essas elevações humanistas no Coronel Horácio também foi o momento da morte de Ester.

Sem querer encaminhar nosso estudo para a questão dos gêneros, mas, nos parece curioso que, por vezes, há algo de melodramático na composição de Terras do sem fim, principalmente na figura dos coronéis: Juca Badaró, que é um fanfarrão;

Sinhô Badaró, um sábio; Teodoro das Baraúnas, um depravado; Maneca Dantas, um mediano (aritmeticamente); e Horácio, um bruto. Mas que, contraposto a esses adjetivos, “amam” imensamente (a terra e as mulheres). É claro que estas não são características para definir o caráter humanista de cada um, mas se apresentam como elementos que se ligam à formação de uma integridade humana amparada nas contradições sociais e da vida mesma que afetam diretamente o sujeito e os demais de suas relações. E aqui poderíamos falar das formas de amar e das traições, contudo, fugiríamos do nosso objetivo de discussão.

779

A figura do Coronel Horácio se sobressai porque concentra em si o lado perverso, vil, fruto das condições sociais e históricas à que foi submetido, ao mesmo tempo que conserva uma pureza e grandeza, bem como uma sinceridade e originalidade de espírito, apesar de sua pouca cordialidade e carência cultural. Inclusive aqui, se aproximando do personagem Paulo Honório, de São Bernardo.

Considerações finais

O realismo autêntico é aquele transfigura a realidade sócio-histórica numa realidade sensível, recolhendo da heterogeneidade do mundo real recortes de situações que são homogeneizadas, concentradas, intensificadas a fim de aproximar ou proporcionar aos sujeitos estéticos um reencontro consigo mesmo e com a sua generidade. Eis o que percebemos em Terras do sem fim: essa apropriação do desenvolvimento humano em seus múltiplos determinantes e determinações a partir das relações efetivas em sociedade e com o mundo circundante. Dessa forma, progresso e luta estão imbricados, não sendo um acaso Amado ter desenvolvido sua narrativa, não linearmente, mas progressivamente, no sentido que há um desenrolar histórico que pretende uma finalidade: a modernização, cujo enredo parte do Navio, à Mata, à gestação de cidades, passa pelo Mar, e aí temos a Luta, seguida do Progresso. Se conectarmos essas temáticas, não é difícil percebermos uma tendência ou um rumo para onde aponta o ideal de sociedade em construção, pensando desde

a colonização, o Brasil escravista, com os reveses feudais, à modernização. E este processo, de alguma forma dialoga ou converge a respeito da concepção de progresso desenvolvida pela tradição marxista. Nessa interação e transformação da realidade histórica opera “o próprio homem”. Pois de acordo com Lukács, “o centro, o coração desta estrutura que determina a forma é sempre, em última análise, o próprio homem” (1969, p. 36). Enfatizando sua teoria, o filósofo húngaro diz ainda que “sejam quais forem o ponto de partida de uma obra literária, o seu tema concreto, o objetivo a que ela visa diretamente, etc., a sua essência mais profunda exprime-se sempre por esta pergunta: o que é o homem?” (idem). Assim, vemos que a narrativa amadiana em questão, num contexto específico, problematiza a condição do trabalhador rural ou do homem do campo a partir de um prisma realista, superando o dualismo coronel *versus* alugado, colocando os dois num mesmo patamar como homens de seu tempo, vivendo problemas de seu tempo, que precisam ser ou serão superados. Sem querer forçar a barra, *Terras do sem fim* revela os desejos e constitui o projeto do autor de evidenciar os dilemas humanos, sociais, políticos, econômicos e culturais de um Campo, situado numa região geográfica brasileira emblemática, em demanda de modernização. Diferente de *Cacau*, por exemplo, o escritor baiano imprime, realisticamente, o humanismo presente tanto na vida dos trabalhadores, quanto dos coronéis que estão submetidos à uma lógica mais global, universal... a lógica do sistema capitalista, que tem um caráter progressista. Todavia, é essencialmente anti-humanista, já que a relação sujeito-objeto tende a ser invertida, por isso, reificada.

Terras do sem fim está entre as obras mais realizadas de Jorge Amado exatamente por ele ter expressado de modo vivo o caráter humano e progressista de seus personagens sem impor-lhes suas teses políticas. O que não significa que não há tomada de partido na obra e nem que ela não seja revolucionária (no sentido mais pleno do termo). Muito pelo contrário, e foi esse “contrário” que tentamos demonstrar em nosso estudo, justamente porque o homem está no centro, e entorno dele está o mundo, o mundo em transformação.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
[Tradução coordenada por Alfredo Bosi]
- AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1943.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *O realismo crítico hoje*. Distrito Federal: Coordenada-Editora de Brasília, 1969.
- _____. *Arte e sociedade: escritos estético 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- _____. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.